



Anais da Assembléia

N.º 14

CURITIBA, QUARTA-FEIRA, EM 28 DE MARÇO DE 1984

ANO X

2.ª SESSÃO LEGISLATIVA

ATA DA SESSÃO SOLENE

COMEMORATIVA AO

"DIA INTERNACIONAL DA MULHER"

REALIZADA EM 28 DE MARÇO DE 1984.

QUARTA-FEIRA

Presidência do Senhor Deputado Trajano Bastos, secretariada pelas Senhoras Deputadas Amélia Hruschka e Irondi Pugliesi.

Às vinte horas é registrada a presença dos seguintes Senhores Deputados: Trajano Bastos, Nestor Baptista, Werner Wanderer, Gernote Kirinus, Francisco Escorsin, Dirceu Manfrinato, Fuad Nacli, Acir Mezzadri, Adhail Sprenger Passos, Airton Cordeiro, Amélia Hruschka, Anibal Khury, Antônio Anibelli, Artagão Mattos Leão, Augusto Carneiro, Basílio Zanusso, Caíto Quintana, Djalma de Almeida César, Donato Gulin, Edgard Pimentel, Edmar Luiz Costa, Eduardo Baggio, Erondy Silvério, Ervin Bonkoski, Ezequias Losso, Ferrari Júnior, Fiori Luiz, Gabriel Manoel, Gilberto Carvalho, Hermas Brandão, Homero Oguido, Irondi Pugliesi, Ivan Gubert, Jorge Maia Filho, José Antônio Fonseca, Leônidas Chaves, Luiz Alberto Oliveira, Márcio Almeida, Mário Pereira, Nelson Buffara, Nelson Vasconcelos, Nilso Sguarezzi, Odeni Mongruel, Orlando Pessuti, Osvaldo Alencar Furtado, Paulo Furiatti, Péricles Pacheco, Quielse Crisóstomo, Roberto Requião, Rubens Bueno, Sabino Campos, Sérgio Spada, Tadeu França, Tadeu Lúcio Machado, Tércio Albuquerque, Tuguio Setogutte, Wilson Fortes e Antônio Belinati.

Havendo número legal, o Senhor Presidente declara aberta a

SESSÃO SOLENE

O SR. PRESIDENTE (Trajano Bastos) - Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

Anunciamos a seguinte composição da Mesa: Excelentíssima Senhora Gilda Poli Rocha Loures, Secretária da Educação e Representante de Sua Excelência o Senhor José Richa, Governador do Estado do Paraná; Excelentíssimo Senhor Maurício Fruet, Prefeito Municipal de Curitiba; Excelentíssima Senhora Arlete Richa, Primeira Dama do Estado do Paraná; Excelentíssima Senhora Eucione Barbalho, Primeira Dama do Estado do Pará; Excelentíssima Senhora Alzimara Bacelar, Presidente da Federação da Mulher; Excelentíssima Senhora Ivete Fruet, Primeira Dama do Município de Curitiba; Excelentíssima Senhora Deputada Amélia Hruschka, Primeira Secretária da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; Ex-

celentíssima Senhora Deputada Irondi Pugliesi, Segunda Secretária da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; Excelentíssimo Senhor Deputado Orlando Pessuti, Vice-Líder da Bancada do PMDB.

A seguir, a Presidência convida a todos a ouvirem o "Hino Nacional", executado pela Banda de Música da Polícia Militar do Estado do Paraná.

A Presidência concede, com satisfação, a palavra a Senhora Alzimara Bacelar, Presidente da Federação das Mulheres do Paraná, para presidir a entrega de placas alusivas ao "Dia Internacional da Mulher".

A SENHORA ALZIMARA BACELAR - Eu gostaria que o Senhor Deputado Orlando Pessuti fizesse a entrega da placa à nossa companheira, Senhora Ivete Fruet.

Eu gostaria que a Senhora Deputada Amélia Hruschka fizesse a entrega à nossa companheira Gilda Poli.

Eu gostaria que a Senhora Deputada Irondi Pugliesi fizesse a entrega da nossa homenagem à nossa companheira Lenir dos Reis Spada, Prefeita de Santa Terezinha de Itaipu.

Eu gostaria que a Secretária da Educação fizesse a entrega de nossa homenagem à Dona Maria Luiza Merckler.

Eu gostaria que a Dona Ivete Fruet fizesse a entrega da nossa homenagem a Senhora Carlinda Thurmann de Souza, Presidente da Associação dos Moradores do Jardim Paranaense.

Eu pediria a nossa companheira Arlete Richa que fizesse a entrega à nossa companheira Maria Aparecida Silva, metalúrgica, nossa companheira do Movimento Comunitário.

Autoridades anteriormente nominadas que compõem a Mesa, meus companheiros e companheiras. (Lê)

A Federação das Mulheres do Paraná cumprimenta o Poder Legislativo pela realização desta Sessão Solene em homenagem ao "Dia Internacional da Mulher", transcorrido no dia 8 de março. Cumprimenta e agradece particularmente ao Senhor Presidente Deputado Trajano Bastos. Pensamos ser um sinal importante de reconhecimento da sociedade paranaense, por um lado, do valor imprescindível da mulher na condução do mundo contemporâneo, por outro, que essa participação enquanto exigência das mulheres organizadas consiga colher importantes vitórias, as quais essa Sessão Solene registra de forma indelével e pioneira na história do nosso Estado e na luta das mulheres paranaenses.

Gostaríamos de fazer uma homenagem a todas as companheiras que se destacam na

luta das associações de moradores, que constituem, na verdade, seu maior contingente e autêntica força-motriz na conquista de melhores condições de vida ao nosso povo, como também às companheiras que têm dedicado seus esforços para a organização da mulher nos sindicatos, nas associações e movimentos de mulheres e nos partidos políticos, contribuindo para uma pesençada vez maior das mulheres na luta pelos seus direitos, homenageando estas mulheres como Carlinda Thurmann de Souza e Maria Aparecida Silva.

De maneira especial queremos homenagear as companheiras da Federação das Mulheres do Paraná, entre as quais nossa Vice-Presidente Maria de Lourdes Montenegro, pioneira da recente história das lutas das mulheres em nosso Estado.

Com muito carinho, queremos resgatar aqui o encontro das atuais gerações com as precursoras da luta da mulher paranaense na pessoa da estimada Professora Maria Luiza Merchler. A ela e a tantas que em condições mais difíceis empreenderam iniciar a caminhada, também rendemos justas homenagens.

Assinalamos a voz atuante daquelas que tão bem nos representam na Assembléia Legislativa, as Deputadas Irondi Pugliesi e Amélia Hruschka, bem como das companheiras que ocupam as tribunas das Câmaras Municipais, cargos no Poder Executivo Municipal e Estadual hoje do próprio Secretariado do Governo com a presença da Professora Gilda Poli e nas Prefeituras, como Lenir Spada.

Precisamos também destacar o desempenho das inúmeras companheiras, esposas dos nomes de destaque da nossa vida pública, que têm conseguido, com êxito, afirmar seus talentos e contribuições próprias à sociedade, deixando para traz cada vez mais o papel que a tradição invariavelmente lhes destinava de serem simples adornos, ou cujas referências eram sempre "a mulher do sr. fulano". Romper esse preconceito não é tarefa das mais fáceis. E aqui, registramos um papel afirmativo desempenhado entre outras pelas companheiras, Arlete Richa, Ivete Fruet, Eucione Barbalho, Primeira Dama do Estado do Pará.

Nossas homenagens sobretudo à dona de casa, à operária, à camponesa, a todas enfim que, enfrentando dupla jornada de trabalho, trabalhando duplamente pela construção do Brasil, que no anonimato seguem adiante perseguindo seu espaço, seus direitos, em busca de um mundo melhor.

Mas afinal, homenagens à parte, pelo que têm lutado as mulheres no mundo de hoje? O que queremos nós, mulheres brasileiras? Por que lutam as que levam adiante a bandeira daquelas que em 8 de março de 1857 morreram lutando pelos seus direitos

trabalhistas?

Paz, sim, a luta primeira da mulher no mundo de hoje é pela paz. Em defesa da vida. É isso que vem unindo corações e mente de todos os povos da terra. E nas manifestações de milhões de pessoas, sejam nos países capitalistas ou socialistas, contando com a atuação permanente da Federação Democrática Internacional das Mulheres, lá estão as mulheres na linha de frente, sendo as grandes propulsoras desse sonho da humanidade, que hoje se tornou uma conquista imperativa para a própria continuidade da espécie.

É de chocar qualquer consciência honesta que os inúmeros problemas com os quais a humanidade convive como a fome, as doenças, a mortalidade infantil, o analfabetismo, a moradia e saneamento, poderiam ser erradicados com parcela do que tem sido dilapidado numa corrida militarista insana, vergonhosa, para todos nós, em arsenais atômicos que possibilitam destruir a Terra pelo menos sessenta vezes. No entanto, uma bastará para por fim a vida.

Nós mulheres, no mundo inteiro, acima de diferenças de cor, ideologia, religião, prezamos aquilo que geramos, a vida dos nossos filhos. E por isso mesmo fazemos o compromisso primeiro conosco mesmas, com futuras gerações, com os companheiros, de transformar o sonho da Paz, em realidade. Pois, disso depende a humanidade para liberar uma energia imensa de inteligência, riquezas e conhecimentos para um mundo mais justo e fraterno, pois, a luta pela paz é acima de tudo a luta pela justiça. Como diz a Igreja, a Paz é fruto da Justiça. E não é por outro motivo que são os mesmos grupos ligados aos círculos financeiros internacionais, únicos beneficiários de fato com as atuais relações iníquas entre as Nações, responsáveis pelo grau selvagem de exploração que a maior parte dos países está submetida, os instigadores da corrida armamentista, do belicismo. Trata-se, como tem feito o expoente desses grupos, o senhor Ronald Reagan, de todas as formas, as mais tresloucadas, a qualquer preço, procurar ganhar na força, no terror, relações de desigualdade e exploração entre as Nações que o mundo de hoje não está aceitando mais. Os beneficiários das injustiças querem a guerra. Os que buscam a justiça querem a paz.

O que interessa à esmagadora maioria da humanidade, é encontrar um patamar de relações entre as Nações soberanas, em que os povos do Terceiro Mundo em especial, deixem de servir de repasto à voracidade de certos grupos, ao preço da morte de seus povos, pela fome e miséria, doenças, desagregação da economia, recessão e desemprego, sob a chantagem de "dívidas externas" infladas a partir de juro de

agiotas.

O povo brasileiro, e nós mulheres conhecemos na própria carne as conseqüências desse tipo de política.

Sabemos também que a maior contribuição que nos é dada agora oferecer para que a humanidade possa avançar para encontrar mais Justiça e Paz, é justamente fazer o Brasil se libertar desses grilhões, dessas fórmulas tão caducas quanto ortodoxas do FMI e dos banqueiros internacionais.

Mesmo porque, sentimos que o Brasil pelas dimensões de nosso território é da nossa gente, do que construímos enquanto Nação, é um País chave para que os países pobres da América-Latina e do mundo se encoragem para fazer valer os direitos dos seus povos.

Por isso, justamente as mulheres brasileiras sabem que é preciso que tenhamos um Governo de fato comprometido com a Nação brasileira, com a Democracia, com o nosso Povo. Para resgatar nossa soberania tão vilipendiada, declarar a moratória, romper os grilhões da dívida externa, renegociá-las em bases soberanas, voltar a crescer e a progredir, pondo fim à estagnação e à dependência.

Por isso, justamente a luta mais importante para as mulheres brasileiras, como para todo o povo é o caminho para a solução desses problemas, pois, em torno disso é possível unir todos os brasileiros de fato, toda a Nação. É o caminho das ELEIÇÕES DIRETAS PARA PRESIDENTE, JÁ!

Como diz o Manifesto da Mulher Paranaense:

"VOTAR PARA PRESIDENTE significa a sobrevivência de muitos de nossos irmãos, filhos e companheiros. Significa exigir o rompimento com o FMI, devolver uma política econômica capaz de gerar empregos, impedir a morte de milhares de crianças por subnutrição e por controles de natalidade impostos pelo FMI. Eleições diretas, hoje, tem uma importância para nós, idêntica à luta das mulheres pela jornada de 8 (oito) horas, em 1857. Desta conquista, depende a salvação de adolescentes, que são rejeitados do serviço militar por insuficiência física, ocasionada pela subnutrição.

Não queremos uma geração de insuficientes. Queremos um povo forte onde todos tenham igualdade de condições.

ELEIÇÕES DIRETAS, hoje, é sinônimo do fim da Lei de Segurança Nacional, e o restabelecimento pleno da Democracia, através da Assembléia Nacional Constituinte".

Gostaríamos de fazer um parêntese para lembrar que Juvêncio Mazzarollo continua preso. Quando as mulheres precursoras do movimento de anistia em nosso País, falam de liberdade e democracia, não podem esquecer daquele que ainda inexplicavelmente, continua preso por delito de opi-

nião.

ELEIÇÕES DIRETAS JÁ abre caminho também para a igualdade de condições no trabalho para as mulheres, para a revogação da legislação discriminatória e toda a sorte de arbitrariedades cometidas contra nós mulheres. Eleições diretas significam o avanço nas lutas pelos nossos direitos.

FALAMOS DE MUDANÇAS, certas de que nossa voz será ouvida, pois, temos o peso de sermos mais de 50% da população e do eleitorado brasileiro.

FALAMOS com o peso de sermos não só trabalhadoras que participam da construção da riqueza desta Nação, como também com o peso de sermos mães, esposas, companheiras".

COMPANHEIRAS:

Todas sabemos dos inúmeros problemas e discriminações, algumas seculares, que nos atingem no trabalho, na escola e no lar. Por certo, outras companheiras farão referências a elas. Mas com certeza, na medida que, enfrentando essas dificuldades, participarmos de forma decidida dessas lutas que aqui falamos, estaremos ocupando espaços na condução da sociedade para cada vez em melhores condições, lutar por todos nossos direitos, pois que eles só serão conquistados por obra da nossa própria luta.

Não é possível andar direito com uma perna só. Nem é possível pensar numa sociedade mais fraterna que possa "dispensar" ou manter afastado do centro das decisões, a maior parte da sua população, ou seja, as mulheres. Por isso, a luta das mulheres é antes de mais nada pela construção de uma nova humanidade.

SENHOR PRESIDENTE:

Gostaríamos, antes de encerrar, de lançar uma proposta para que Vossa Excelência estudasse juntamente com nossas companheiras Deputadas, para que nos Fóruns de Debates, prática democrática que valorizou sobremaneira este Poder, programem um "FORUM SOBRE A SITUAÇÃO DA MULHER NO PARANÁ", para o que desde já conta com o apoio da Federação das Mulheres, e temos certeza, das demais entidades e lideranças femininas do Estado.

Será uma ocasião excelente para avaliarmos experiências de outros Estados que criaram o Conselho Estadual da Condição Feminina, para eventualmente ser levada sugestão nesse sentido ao Excelentíssimo Senhor Governador José Richa.

COMPANHEIROS E, ESPECIALMENTE AS COMPANHEIRAS:

Tenho certeza que isso que todas sonhamos possível realizar, encontrará no coração de cada uma um alento muito especial pela nossa condição de mulher, esposa

e mãe. De sermos, no transcurso da história da humanidade, sempre uma reserva de esperanças no futuro, mesmo quando poucos acreditam ou apenas consideram "sonhos de mulher". Como a mulher nordestina, viúva das secas, que fica na trincheira do sertão, com seus filhos. Ou a mulher paranaense que fechou sua casa quando a enchente chegou, aguardando o momento de voltar para recomeçar, e se transformou no símbolo da esperança da reconstrução.

Todas nós sabemos dessa nossa força de mulher, como identificou o poeta, quem a Natureza, ou a Vida, ou Deus marcou com a nossa marca, possui a estranha mania de ter fé na vida".

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Trajano Bastos) Tenho a honra de conceder a palavra a Senhora Deputada Amélia Hruschka.

A SENHORA AMÉLIA HRUSCHKA - Senhor Presidente, Deputado Trajano Bastos. (Lê):

Senhor Presidente, Senhores Deputados, Excelentíssimas Senhoras homenageadas desta noite: Senhora Arlete Richa; Digníssima esposa do Governador José Richa; Digníssima Senhora Gilda Poli Rocha Loures, Secretária da Educação; Senhora Eucione Barbalho, Primeira Dama do Pará; Senhora Carlinda Thermann, Líder Comunitária; Senhora Lenir dos Reis Spada, Prefeita do Município de Santa Terezinha de Itaipu; Senhora Ivete Fruet, esposa do Prefeito de Curitiba, Maurício Fruet; Senhora Maria Aparecida Silva, Trabalhadora Metalúrgica; Maria Luiza Merckler, Professora; Minhas Senhoras e Meus Senhores, Juventude aqui presente, Esposas de Prefeitos:

Foi em 08 março de 1975 que se oficializou o "Dia Internacional da Mulher", e esse dia deve ser um marco definitivo para as grandes conquistas da mesma, conquistas essas que devem representar inteiramente a independência da mulher como ser humano capaz de gerir o seu próprio destino e colaborar decisivamente para solver os grandes problemas da nossa Pátria.

Todos sabem que a mulher sempre foi vítima de pressões em nossa sociedade; não tendo muitas vezes nem o direito de dispor de sua faculdade maior que é a de gerar a vida, pois, muitas vezes, tem que se submeter ao aborto para garantir o seu emprego, ou ainda esconder que são casadas para não serem demitidas do mesmo. Isto sem falar daquelas que ainda continuam lutando por igualdade de salários e outros direitos.

Mas, apesar de tudo, hoje, a questão da mulher passou a ser mais aceita e respeitada, pois, várias universidades já tem departamentos específicos que estudam os problemas da mesma tornando esses proble-

mas da mesma tornando esses problemas, questão política da mais alta relevância e colocando até mesmo nos programas partidários as grandes reivindicações das mulheres.

Mas, apesar de tudo, passa a mulher a ocupar hoje, em nosso País, um lugar de destaque e inicia com a organização de seus movimentos que atualmente somam mais de duzentos, os quais defendem seus direitos. A mulher lança-se também em todos os ramos de atividades, inclusive na política, e hoje temos diversas representantes na Câmara Federal, no Senado, nas Assembleias Legislativas, nas Câmaras de Vereadores, e na Direção de vários Municípios brasileiros, isto a demonstrar que a mulher não quer competir com o homem mas quer colaborar com o seu companheiro nas soluções dos problemas da vida nacional de toda a humanidade.

Se a ela competiu à geração da vida, deve competir também a participação nas soluções para que a vida possa continuar com decência, com esperança e com uma paz duradoura entre todos os povos e que não se pense somente em fabricar armas destruidoras da humanidade, mas que a sua ajuda, com a sua experiência de mãe, a mulher possa galgar firmemente seu destino na busca constante da justiça social e de uma paz duradoura entre todos os homens.

Aqui, queremos reafirmar que a mulher brasileira sempre esteve presente na vida política do nosso País. E é nos momentos difíceis e conturbados da nossa evolução política que ela surge com sua sensibilidade incomum para ajudar e participar na busca de um rumo certo e seguro para o nosso próprio destino, da sua família, da sua comunidade, do Município, do Estado, enfim de toda a Nação brasileira.

Neste instante, quero conclamar todas as mulheres que aqui se encontram, todas as paranaenses, todas as brasileiras, para que juntas possamos formar uma corrente a favor das ELEIÇÕES DIRETAS PARA PRESIDENTE DA REPÚBLICA, como única solução não só dos problemas brasileiros, mas também para solução dos problemas que hoje atingem a mulher, diretamente.

Senhora Arlete Richa, estou aqui na pesença dos Deputados, dos Senhores e das Senhoras, das Ilustres homenageadas como legítima representante desta Casa, eleita pelo voto direto do povo, como mãe brasileira para dar nossa parcela de um trabalho procurando a perfeição para solver os grandes problemas do Estado do Paraná e do Brasil.

Queremos trabalhar juntas para termos harmonia e esperança nos homens que traçam o destino de nosso País. Sabemos, Dona Arlete Richa, que a Senhora tem os olhos voltados para a gente de sua terra, fazem-

do um trabalho muito digno junto às escolas, aos desempregados e acima de tudo, o trabalho de assistência social. Isto, sem sombra de dúvidas, é uma demonstração da contribuição que tem dado como esposa de nosso Governador José Richa, preocupado com o bem-estar do Estado do Paraná.

Todos nós compreendemos profundamente que devemos trabalhar em harmonia para podermos viver em sociedade; sabemos dos grandes problemas e temos consciência que há momentos difíceis e até desesperadores, que surgem tormentas, que aparecem obstáculos, às vezes intransponíveis, mas o que importa é vencer as dificuldades, ultrapassar as tormentas, sustentar o barco da vida nas adversidades e transformar as tormentas e adversidades em esperanças e vitórias.

Tenho que, nesta noite, reafirmar mais uma vez, que não sou feminista, mas desejo ardentemente que os direitos da mulher se completem com os direitos dos homens e que juntos possamos construir uma Pátria Feliz, mais justa e mais humana, onde não haja distorções, nem desajustes capazes de denigrir a figura humana; que aqui, em nosso País, não se pense em discriminação de sexo, cor ou pensamento político, mas que o pensamento esteja voltado sempre para minorar o sofrimento de nosso semelhante, dando-lhes condições reais de sobrevivência.

Como prova definitiva de que não fazemos discriminação ao homem, temos em nosso quadro de colaboradores, funcionários os quais ajudam a desenvolver o nosso trabalho em prol do nosso Estado e Região. É claro que isto não vem diminuir a nossa assertiva quanto à competência das mulheres, porque concordamos plenamente com "HUGO MENGARELLI" quando afirma: "Que a unicidade Homem-Mulher não pode e não deve ser rompida e que os ideais devem ser comuns, posto que a realização de um está vinculada a do outro".

"Mães sois vós que tendes nas mãos a salvação do mundo".

Muito Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Trajano Bastos) Tenho a satisfação de conceder a palavra à Vereadora Doutora Rosa Maria Chiamulera, representante do PMDB.

A SRA. ROSA MARIA CHIAMULERA - Senhoras e Senhores Componentes da Mesa, Senhoras e Senhores componentes do Plenário.

Gostaria, antes, de homenagear todas as mulheres aqui presentes, e também a todas as mulheres, por mais humildes que sejam, de nossa sociedade, desde a trabalhadora mais humilde, aqui também representada, até as que têm em suas mãos a capacidade, hoje, de decidir, de legislar, como

a Secretaria de Educação e as Deputadas Estaduais, assim como a outra Vereadora que está aqui presente, também.

Queria aproveitar esta oportunidade de confraternização em que Alzimara Bacelar falou tão bem que "a luta da mulher deve ser pela paz", aproveitar para fazer uma reivindicação, porque não poderia deixar de fazê-lo no momento em que se comemora o "Dia Internacional da Mulher".

Pela minha condição de mulher, e, principalmente, de médica, concordo com Alzimara Bacelar. Nós não somos a favor do controle de natalidade. Mas, queria fazer um apelo, já que o senhor Prefeito está aqui presente, que, através dos quatorze postos da Prefeitura, fosse instalado um serviço integral de assistência à mulher. Porque nós verificamos, Senhor Prefeito, que, infelizmente, ainda não consta nos serviços de postos de saúde esse trabalho de atenção integral à mulher como preventivo de câncer, em nenhum deles e muito menos de orientação, informações sobre planejamento familiar. Eu acho que todos os postos de saúde devem prestar serviços de informações de planejamento familiar. Porque a mulher é a que mais sofre quando há uma gravidez indesejada. Então, aqui fica o meu apelo ao Senhor Prefeito Municipal que estude com carinho esse meu pedido, porque nas periferias das cidades há muitas mulheres que chegam a mim e que pedem-me orientações, informações sobre o serviço e eu sempre as encaminhava aos três postos da Capital que tinham esse serviço. Mas infelizmente, foram desativados; estão atendendo minoritariamente e eu tenho encaminhado ao Hospital de Clínicas. E, no ano passado, uma mulher tinha que esperar dois meses para ser atendida no setor do planejamento familiar. Este ano fui informada de que elas esperam três ou quatro meses.

Então, como há uma demanda espontânea da população, como é uma necessidade e eu quero aqui crer, que muito vai contribuir para a independência econômica e financeira da mulher, porque, não há mulher que possa se aprimorar se ela tiver todo um ânimo físico; e a mulher tem o direito de poder programar, planejar os filhos que quer na melhor época da vida que ela queira desejar.

Então, faço esse meu apelo e, tenho certeza, que também o presidente da Assembleia Legislativa transmitirá aos outros Deputados e ao Secretário da Saúde do Estado para que ele olhe com carinho esse aspecto. Porque diz muito ao interesse e ao desenvolvimento da mulher.

Outro aspecto que eu queria abordar aqui, é sobre a construção de creches. Para que a mulher possa trabalhar e, hoje em dia, não há mulher - de um modo geral e,

principalmente, nas camadas mais humildes - que não deseje trabalhar; ela precisa ter um lugar seguro onde deixar seus filhos. Eu sei que o Prefeito Maurício Fruet tem em seu programa de trabalho a perspectiva de criação de muitas creches. Mas, este ano que passou, a nossa cidade não foi agraciada com nenhuma creche, além das que estavam funcionando do ponto de vista da Prefeitura Municipal.

Eu queria fazer um apelo, que a sua programação dentro do município fosse concretizada. Eu sei que está previsto a criação de uma série de creches, porque elas são fundamentais para que a mulher das periferias da cidade possam trabalhar e deixar seus filhos com tranquilidade sem ficar preocupada e para que elas possam colaborar na manutenção da casa. Porque neste momento de crise a mulher sempre colaborou e hoje, mais do que nunca ela precisa colaborar.

Eu queria também, para finalizar, renovar ou reafirmar as palavras ditas por Alzimara Bacelar, muito bem ditas e também pela Deputada Amélia Hruschka, que nós fazemos um esforço no sentido de unir os nossos corações. Acima de interesses partidários, acima de atritos e conflitos, que nós trabalhemos e demos o melhor de nós mesmas, para que haja a solução dos problemas: municipais locais e porque não, os internacionais. Nós sabemos que só com a colaboração da mulher ao lado do homem - como bem disse a nossa Deputada: "nós não queremos fazer concorrência! Nós visamos o melhor aperfeiçoamento da mulher para que ela possa e inclusive, uma melhor companheira para o homem".

Então, eu queria fazer um apelo para que independentes de interesses partidários, que a mulher fôsse valorizada e que se desse à ela condições de se aprimorar e de participar mais da vida nacional para melhoria da comunidade que nos cerca.

Muito Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Trajano Bastos) - Tenho a satisfação de conceder a palavra à senhora Maria Vieira, representante do Partido dos Trabalhadores.

A SRA. MARIA VIEIRA - Eu, Maria Vieira, agradeço essa oportunidade de chegar a esta Assembléia e falar como mulher a todas as mulheres brasileiras. Sou do Diretório do Partido dos Trabalhadores. Tenho a grande honra de chegar até esta oportunidade. Sou filha de trabalhador e vivi a minha vida inteira na roça, e, hoje, moro na periferia da Cidade de Colombo.

De outro lado, tenho a grande honra de chegar até vocês e, neste instante, tenho tristeza porque, no meu município, passei a organizar-me como mulher, junto com as

demais mulheres, não como só partidária, mas em movimentos sociais, nas associações de amigos e moradores de bairros, fui-me organizando, mas, por infelicidade, hoje estou desempregada, desempregada sim. Por que? Porque sou uma professora primária do Município de Colombo e vivo nos movimentos sociais. Isso trouxe-me grandes tristezas porque no ano passado trabalhei numa classe com trinta e cinco crianças, as quais eram desnutridas porque não tinham alimentação. E a avaliação que eu tive, foi: qual a nota de aprovação, e os alunos não foram aprovados com aquilo que era necessário e, com isso, causou desemprego por avaliação de notas.

Eu simplesmente transmiti às minhas crianças carinho, amor, aquilo que eu tinha, porque elas não tinham aquela capacidade de receber o programa que eles deram-me. E isso causou-me grande tristeza por a gente estar num País democrático, com um Governo democrático, eleito pelo povo, Prefeito da Oposição, eleito pelo povo, e, hoje, eu estou na rua (a partir do dia vinte).

Mas, isso não me causou grande tristeza porque o meu espírito de luta como mulher continua, e estarei sempre lutando, não só partidariamente; estarei unida de coração com todo mundo e disposta a lutar porque eu quero ver todas as mulheres organizadas, todas as mulheres querendo vencer, não para competir, mas sim para ser valorizada dentro da sociedade e ser respeitada no seu trabalho, onde ela tiver a sua organização, e as autoridades, os homens respeitem as mulheres e que elas passem a entender que elas são alguém e que merecem viver.

No Município de Colombo, junto à periferia da Cidade de Curitiba, organizada em movimentos sociais e partidariamente, mas isso não quer dizer que é contradição aos demais partidos ou de interesse pessoal. Acho que, como mulher, devo escolher um partido, sou livre, e acho que devo ser respeitada, assim como todos devem ser respeitados no seu partido político. Sou livre para escolher, como a religião, tudo mais, uma respeitando a outra e levando o quê? Levando a luta para frente.

E eu, como mulher, peço a todas as mulheres trabalhadoras, sociais, enfim, que se unam; vamos lutar, trabalhar, organizar em todos os movimentos. Quando falo em movimento de creche, falo sobre respeito da mulher; sinto-me tão crescida intelectualmente. Por quê? Porque a gente é mulher, a gente quer ser respeitada e assim como cada uma de nós queremos ser respeitadas, desde a maior até a menor, desde as intelectuais até as humildes das periferias das cidades, das favelas que sejam respeitadas, não porque ela vai se organizar que

ela deve ser expulsa de um trabalho. E, neste Estado paranaense, por onde eu passei pelo Norte do Paraná, por vários cantos do mundo, sempre fui explorada, porque sempre tive vontade de organizar-me na vida; nas vilas onde passei, e continuarei lutando, e para todas as mulheres que lutem para que elas sejam respeitadas não só em nível de Estado, mas no País inteiro. Esta é a minha mensagem como membro do Diretório do Partido dos Trabalhadores no Estado do Paraná.

Muito obrigado. (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (Trajano Bastos) - Com satisfação, concedo a palavra à representante do PDT, Fátima de Lourdes Jacob.

A SENHORA FÁTIMA JACOB - Prezados companheiros, companheiras.

Inicialmente, gostaria de agradecer em nome do meu Partido, PDT e aos Deputados. Em especial, ao Senhor Deputado Trajano Bastos, Presidente da Assembléia Legislativa e à Federação das Mulheres do Paraná, pela homenagem que prestam à mulher paranaense. E estender esta atitude às Deputadas Irondi Pugliesi e Amélia Hruschka, que representam, nesta Casa, a atuação política da mulher paranaense.

Atualmente, atravessamos momentos de profunda angústia, com grandes inimigos atuantes; desemprego, insegurança pessoal e achatamento salarial, são algumas das dificuldades imensas que rondam cotidianamente os nossos lares, que nos levam a pensar com mais acuidade sobre a situação que nos cerca. Todos nós, homens, mulheres, indistintamente, devemos nos unir numa grande luta para reestabelecer a dignidade humana. É necessário muito mais. É necessário transformar as estruturas deste País, estruturas atualmente falidas.

Esta luta, portanto, deve-se iniciar com o implemento das eleições diretas para Presidente da República. Para que com esta atitude se reconstitua e se estabeleça a legitimidade do Poder.

Esta luta pressupõe que a mulher tem um grande papel a desempenhar ao lado dos homens, de forma objetiva, atuante e definitiva. E que já o faz por sua dupla jornada de trabalho, trazendo uma grande contribuição social. Somos nós que devemos nos estruturar e auxiliar na organização do povo.

Está na hora de nos ocuparmos decisivamente dentro do espaço político do Estado, atuando nos partidos políticos, nas entidades específicas, nos sindicatos, associações, ... enfim, em todos os setores que, de uma forma ou de outra, influam direta ou indiretamente no destino de nosso País.

Muito obrigado. (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (Trajano Bastos) - Concedo a palavra à representante do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, Senhora Alzeli Bassetti Prochman.

A SENHORA ALZELI B. PROCHMAN - Os agradecimentos aos nossos Deputados aqui representados pelo Presidente da Assembléia, Trajano Bastos, ao Prefeito da nossa cidade, às demais autoridades presentes à Mesa, pela presença e pelo prestígio que dão a este evento. Nossos cumprimentos à Federação das Mulheres do Paraná pela promoção deste encontro, quando juntamos nossos esforços para traçarmos uma estratégia conjunta pela nossa emancipação.

Às corajosas companheiras homenageadas, nosso abraço.

COMPANHEIRAS:

Esta reunião se realiza num momento particularmente importante da história da nossa luta como mulheres e do nosso povo pela liberdade. Saímos de um processo eleitoral em que fomos às ruas, às praças, aos palanques, às posses e aos postos de chefia pulando as barreiras dos casuísmos e da corrupção, levantando-nos com a Nação a exigir a liberdade. Hoje, estamos nos escritórios, nos gabinetes, nas indústrias e nas empresas, nos sindicatos e partidos políticos, nas associações e entidades, nas escolas e universidades, no campo e nas fábricas, nos sertões, e já em Brasília. Continuamos a gritar por liberdade. Esta marcante presença feminina no processo eleitoral de ontem, e no processo político de hoje, indica uma realidade inquestionável: cresce o papel da mulher na sociedade, o movimento feminino está em marcha! Este movimento que nos garantiu o voto há meio século, que criou em 1932 a primeira lei protetora do nosso trabalho, que em 1943 nos garantiu o direito de trabalhar sem autorização prévia do esposo, que institucionalizou o divórcio, que detonou a gloriosa luta pela anistia, se faz presente e de forma altaneira na denúncia da inflação e da recessão, conseqüências, entre muitas outras, da falta de liberdades que um Governo imposto por si mesmo gerou, criou e alimenta acintosamente.

Clamamos agora, mais do que nunca, por liberdade neste momento histórico, sinônimo de democratização, denunciando um Governo autoritário e arbitrário que instituiu a fome e a usura maldita, que teima em manter-se no poder manipulando remendos de leis que ele deturpou a seu bel-prazer com o fim de alimentar os espúrios interesses de grupos econômicos estrangeiros, de longa data e conhecida parceria.

É preciso mudar e mudar radicalmente. Nós, mulheres, já temos condições não apenas de intervir mas de propor mudanças ra-

dicais. Mudanças estruturais que permitam uma justa distribuição de rendas para corrigir os descalabros sociais. E a história da humanidade comprova que não podem haver transformações sociais radicais sem a garantia de participação dos explorados. Nesse momento histórico é impossível sensibilizar os oprimidos e pressionar os opressores sem a participação política das mulheres. Somos uma legião que secularmente sobrevive sob uma dupla opressão que, por sua vez, duplica nossas energias e nos sensibiliza duplamente às propostas de mudança. Grande é o nosso potencial de rebeldia para que canalizado seja, de forma paralela ao estudo, denúncia e luta pelos nossos direitos específicos e pelos direitos de todos os oprimidos da Nação. Conscientes destes nossos direitos, integremo-nos à luta que está em curso que é a da emancipação de nosso povo. O problema não é respeitar a mulher, diz Posadas, porque ela é mulher; mas sim, porque ela deve ser considerada igual ao homem, igual ao ser humano e ela deve sentir isso.

Há barreiras porém, nesse processo grandioso de integração: a ESCRAVIDÃO DOMÉSTICA que é um legado das estruturas seculares isolando-nos das atividades sociais, culturais e políticas, impedindo nosso crescimento interior, entravando nossa participação. Sem participar nos tornamos instrumento de manipulação e nossa história registra nos idos de 64 uma proclamação de brasileiras alienadas - testemunhas que fomos deste triste episódio - que se arrastou no que batizou de "Marcha com Deus pela Pátria, Família e Liberdade", de tão lamentável memória, que não tinha noção de Deus, nem de família e muito menos de liberdade.

Hoje, em auto-crítica, elas reconhecem terem sido manipuladas e enganadas pela falta de conscientização e participação política, também a discriminação JURÍDICO-INSTITUCIONAL com as aberrações da legislação vigente entrava o nosso engajamento. Um código civil carcomido mantém o homem como chefe da sociedade conjugal, administrador único dos bens do matrimônio e dos bens particulares da esposa, induz e legitima o crime em nome da defesa de honra e justifica o estupro alegando "insinuação sedutora".

A discriminação da mulher trabalhadora começa ao entrar na empresa que a submete a testes de gravidez, faz uma devassa em sua vida particular, concede-lhe uma remuneração insuficiente e inferior à do trabalhador pela mesmo trabalho e cumina com o caso da estatal mineira CEMIG que exige, em nome da crise econômica a esterilização de suas funcionárias com o compulsório desligamento das trompas. Falta-nos assistência pré-maternal, ao parto, ao materno-

-infantil, faltam-nos creches. Não creches formais, canais de promoções políticas, "bandaides" de uma ferida purulenta, mas creches que forgem o homem novo, o qual num processo de educação libertária seja agente de transformação social. Já não podemos negar, somos hoje, ainda mulheres desnutridas, com infecções ginecológicas generalizadas tratadas pelas benzedadeiras da vida, ingerindo pílulas grátis já vencidas, impostas pelo FMI famigerado e pelas multinacionais da medicação, gerando sem querer filhos desnutridos, excepcionais, deficientes em partos mal conduzidos e mal cheirosos; ou estamos praticando abortos nas inúmeras "clínicas-industriais" particulares, escondidas nas esquinas da vida, vistas como infratoras da lei ou, quem sabe? Estamos sendo levadas a uma liberdade através do sexo, triste e pretensa liberdade inexistente sem nossa emancipação engajada com a de todos os oprimidos. Afinal, o amor só pode existir entre pessoas livre e iguais que possuam um ideal de engajamento comum.

É indispensável a vinculação política aos sofrimentos, às necessidades e às aspirações de nós mulheres. Esta vinculação só é possível na medida em que participemos das lutas concretas e cotidianas da sociedade. Esta participação se fará através de nossa organização, politização e mobilização. Organizar a consciência feminina, realizando o debate político para ação política. Três movimentos integrados, simultâneos, crescentes e dinâmicos, sem falsas polêmicas em busca de uma ação comum no bojo da emancipação das massas. O capitalismo juridicamente institucionalizou a falsa inferioridade da mulher em relação ao homem, para evitar a transformação de uma consciência integral de luta, estimulando a competição que serve à sociedade de consumo. Como mulheres, sentimos o chicote do machismo, pela primeira forma de autoritarismo e nossa percepção - mas estaremos servindo a um sistema opressor se concentrarmos nosso poder de fogo no relacionamento homem X mulher, no macho opressor e na fêmea oprimida.

Citando Goldkorn, "a questão não é a da emancipação da mulher isoladamente, não é a solução sexista, como resultado de um confronto entre João e Maria porque assim nunca haveria vitória. A questão é a demolição de sistemas anacrônicos que, como peias, mantêm o homem grudado ao visgo da propriedade privada, da mentalidade classista, da luta da vida ou morte pelo bezerro-de-ouro. A questão é a libertação de cada um e de toda a humanidade de uma ordem vampiresca que nos isola, nos coloca na rinha e nos dá em substituição à nossa alma, uma tevê a cores".

Por isso, o nosso partido - o PMDB -

cre no movimento popular pela redemocratização do País e conta com a participação das mulheres nesta luta prioritária que é a volta das liberdades democráticas e da soberania nacional. Consideramos que nossos direitos virão pelas eleições diretas em todos os níveis, o passo inicial em direção a uma nova ordem; pela Assembléia Nacional Constituinte livre e soberana, quando as diversas correntes políticas da Nação hão de discutir, elaborar e aprovar os fundamentos de uma democracia política garantindo a liberdade de expressão de todos os pensamentos políticos e de toda a sociedade civil da qual nós mulheres sejamos partícipes construtivas e construtoras, e que legitime a igualdade entre o homem e a mulher como uma necessidade da história e não uma conveniência econômica.

Tiremos, pois, deste encontro de hoje o compromisso de lutar por aquelas que estão sem rumo e orientação, penduradas nas favelas e nas palafitas pendentes, desabrigadas sob as inúmeras pontes de aço, concreto ou madeira rachada, nos latifúndios plantado e colhendo o que não vão comer, nos cárceres, indefesas e violentadas nos hospitais esperando a morte. Lute-mos por garantir uma infância com proteção, uma juventude com orientação, uma velhice com amparo.

Estejamos organizadas para dizer aos nossos Parlamentares que se unam e se pronunciem pela aprovação da Emenda Dante de Oliveira que restabelece as eleições diretas para Presidente e dêem seu apoio ao anteprojeto de Código Civil da mulher, de autoria da nossa companheira Sílvia Pimentel para remover os resquícios de uma opressão institucionalizada sobre a mulher.

Coragem, mulheres, para a construção de um Brasil novo!

Muito obrigada. (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (Trajano Bastos) - Esta Presidência concede a palavra, com satisfação, a Senhora Deputada Irondi Pugliesi.

A SENHORA IRONDI PUGLIESI - Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhora Deputada, Autoridades presentes, Companheiras e Amigas.

"Pela primeira vez na história desta Casa, realiza-se uma sessão voltada especialmente à mulher.

Isto não é estranhável na sociedade em que vivemos, dada à condição a que é submetida a mulher.

Hoje, entretanto, com o próprio avanço da luta da mulheres em todo o mundo, abre-se, a cada dia, mais espaços para que a sua situação seja debatida.

Desta forma, nós mulheres, que temos

consciência de que não são Leis e Decretos que nos emanciparão, vemos esta sessão numa casa de Leis como o início de uma caminhada para a valorização da mulher. As mulheres paranaenses comemoram, desde o início do mês de março, o mês da mulher. Marcaram intensa comemoração, porque hoje não basta apenas marcar uma data de luta. Mas transformar datas em bandeiras de luta, e levá-las aonde existirem mulheres. Para isto, se constituiu o movimento "Mulher, Direitos e Diretas", no dia 9 de fevereiro, e desde então, a luta da mulher e a luta democrática caminham juntas no Paraná.

É importante, entretanto, fortalecer e lembrar o dia da mulher. Isto se dá por razões históricas e políticas, pois, em 8 de março de 1857, em Nova Iorque, foi num ato político, que cento e trinta e nove mulheres operárias foram mortas no interior de uma indústria têxtil. Tal como as mulheres de hoje, aquelas operárias protestavam contra a superexploração capitalista, e, como resposta, foram queimadas vivas.

Em 1910, durante a conferência internacional de mulheres, pró-proposta da alemã CLARA ZETKIN, esta data transformou-se no dia internacional da mulher. Desde então, no mundo inteiro, comemora-se de forma unificada, a data heróica que se constituiu num baluarte e num dia de protesto da mulher, contra a sua situação de opressão e discriminação.

Vemos no mundo todo, as massas femininas se levantarem em movimentos reivindicatórios, por sua causa e pela causa da sociedade. Seja no Japão, nos Estados Unidos, seja em qualquer País Europeu, Asiático ou Africano, neste dia as mulheres se levantam num só coro.

A questão da mulher ainda se constitui numa problemática sem solução, até mesmo em países independentes e soberanos, porque não é resolvida por Leis e Decretos apenas. A problemática feminina é complexa, está permeada de valores culturais, e por isto mesmo, vem sendo objeto das mais profundas discussões e estudos, em quase todas as Nações, inclusive o Brasil.

Aqui, entretanto, as condições em que grande parte das mulheres será inserida criam barreiras imensas para que seja superados seus problemas. No caso brasileiro, estes 52% da população encontram, em contraposição às suas reivindicações, de um lado, o atraso cultural decorrente do analfabetismo e da origem camponesa do povo, e sobretudo, do subdesenvolvimento e da marginalização de quarenta milhões de pessoas do processo produtivo, resultado da política adotada nos últimos vinte anos. E de outro, forças sociais que tudo fazem para manter a mulher em situação de

inferioridade e subalternidade, podendo assim, explorá-las e subjulgá-las, impondo a rebaixa salarial, a disputa do emprego com o homem, e impondo uma política de controle de natalidade, com o nome de Planejamento Familiar ou Programa.

Mas o quadro está mudando.

Nunca tantas mulheres estiveram mobilizadas ao mesmo tempo, empunhando as bandeiras específicas suas e de interesse para todo o povo, como hoje. Ao mesmo tempo em que se aprofundaram as contradições entre a sociedade e o poder, entre o capital e o trabalho, foram sendo criadas as condições para a unificação das bandeiras populares. E hoje, a voz da mulher, presente nos sindicatos, nas fábricas, nas fazendas, nas lojas e escritórios, nas associações de moradores e clubes de mães, nos partidos políticos e nas escolas, é ouvida com respeito.

O próprio movimento de mulheres, antes dividido em tendências, hoje ultrapassa o patamar sexista e anti-patriarcalista, para atingir outro: o do movimento emancipacionista, que visa não só a igualdade da mulher, mas a emancipação da sociedade brasileira das amarras que impedem de rumar para o Progresso Político e Social.

Mas apesar deste avanço do movimento social como um todo, e das mulheres especificamente, suas conquistas, embora numerosas, ainda não permitem que as consideremos emancipadas como cidadãs e como mulheres.

Hoje, coloca-se nacionalmente questões que unificam as mulheres, tais como a legislação, a violência, o controle da natalidade, a igualdade de oportunidade e infra-estrutura para o trabalho como as creches, e a democratização do Poder. Parecem poucas, mas mexem com a estrutura familiar, com toda a complexidade social, com a estrutura do Poder e com relações do capital e do trabalho. O problema da mulher é, portanto, histórico, político, social e cultural.

Sendo 52% da população dezessete milhões dos quarenta e dois milhões na mão de obra ativa, a mulher brasileira se constitui numa força viva para o Brasil. Entretanto, apesar de sua contribuição para o progresso do País, a política imposta pelo regime militar ao povo, a transformou num objeto do projeto anti-natalista, imposto pelo fundo monetário internacional.

Nos últimos vinte anos, o modelo econômico e social monopolista e concentrador de riquezas, canalizou para os 5% mais ricos da Nação, 70% da renda produzida pelos trabalhadores do campo e da cidade. A par desta concentração, deu-se outro processo: o de acumulação de dívidas em nome do desenvolvimento nacional, mas que levou o

País à perda da soberania. Hoje, atrelado ao FMI, o País vive às voltas de uma política recessiva, que fez dos brasileiros como um todo, vítimas de uma crise sem precedentes históricos.

A mulher brasileira, como cidadã, sofre em igual intensidade a crise. Mas, como mulher, vem sendo violentamente utilizada. Negando-se a distribuir a renda nacional, o regime vem impondo o controle da natalidade, com resultados desastrosos, com o único objetivo: diminuir os pobres do nosso País.

Atendendo aos interesses imperialistas, o Governo Federal vem permitindo a livre atuação da BENFAM, cujo objetivo, desde 1965, foi o de controlar a natalidade por mecanismo para-estatal. Isto, embora em 1974, o Governo Brasileiro tivesse tomado a posição oficial na conferência Mundial de população de não interferência governamental na questão.

Apesar de todas as denúncias, em 1970, cerca de cinco milhões de crianças deixaram de nascer, devido aos métodos contraceptivos, enquanto o aborto continuou sendo violentamente combatido pela Lei, mas realizado clandestinamente na quantidade de seis milhões ao ano em péssimas condições de assepsia, levando cerca de seiscentas mil mulheres à morte, por ano. Em Pernambuco, 18,9% das mulheres de quinze a quarenta e quatro anos estão esterilizadas; 33% das mulheres de Manaus; 17% do Piauí; 15% de São Paulo.

O não nascimento de brasileiros, entretanto, não interessa apenas à BENFAM. O Governo brasileiro, em conjunto com os monopólios estrangeiros, vem financiando programas diversos, tais como o PRIC em Pernambuco, o programa de prevenção da gravidez de alto risco, nacional e o PRÓ-FAMÍLIA, de Maluf, ocorreu em São Paulo, financiado por empresas Japonesas. Em levantamento recente em São Paulo, constatou-se que 70% das mulheres paulistas esterilizadas, haviam realizado intervenções de ligadura de trompas, aplicação de DIU ou extripado os órgãos reprodutivos em Hospitais Federais, Estaduais ou Municipais.

Hoje, anuncia-se um golpe contra o direito da mulher de ter quantos filhos desejar, e com dignidade. O Governo lança o PAISM, demagogicamente chamado de Programa de Assistência Integral à Saúde da mulher. Este programa se constitui num verdadeiro atentado contra a vida, no momento em que um País imenso como o Brasil, vê a natalidade em queda pela mortalidade infantil e também pela política controlista do Governo, em vigor desde 1965.

Nós, mulheres, não aceitamos esta política e colocaremos todos os obstáculos para que o PISEM-Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher, seja concreti-

zado no Paraná, defendendo a elaboração de um programa de educação sobre a saúde, globalizante, ao mesmo tempo em que a mulher necessita ser informada especificamente sobre seu corpo. Este programa tem que ser amplamente debatido com a população, especificamente com a mulher, para que ela diga o que quer.

Este é um dos pontos centrais da luta da mulher. Mas há outros.

Tramita na Câmara Federal, desde o ano passado, o projeto do novo Código Civil Brasileiro, que inclui o estatuto da mulher, de autoria das juristas Sílvia Pimentel e Florinda Verucci. Pretende igualar a mulher perante a Legislação Brasileira. E, embora saibamos que não serão Decretos e Leis que emanciparão a mulher, defendemos a garantia dos seus direitos através de instrumentos legais.

A Legislação vigente mantém e apóia os padrões de atraso cultural, inclusive fora dos dias de hoje, e, por imposição legal, atrela a mulher ao homem, tirando-lhe as condições de emancipar-se como cidadã.

Enquanto de um lado há uma legislação a ser mudada, de outro, há outra, a ser cumprida. A Legislação que regula as creches no Brasil foi esquecida há muito tempo, e hoje menos de 10% das mulheres com filhos, são atendidas gratuitamente por este equipamento, deixando os filhos em condições de total insegurança no lar ou com vizinhos.

Isto aumenta as barreiras que impedem a mulher de ingressar no mercado de trabalho, de qualificar-se, de participar ativamente da vida política do País. Sua desqualificação, e muitas vezes, seu atraso cultural, acabam permitindo à mulher, aceitar baixos salários ou salários menores que os homens para tarefas iguais.

Segundo pesquisas recentes, apenas 6,6% das operarias estão em cargos qualificados, 11% são braçais e 82,6% são semi-qualificadas. A alegação dos patrões para esta situação de desigualdade de oportunidade no emprego, é a instabilidade da mulher, que ao casar é obrigada a abandonar o emprego; ao ter filhos, a ficar em casa; a faltar, etc...

Não bastasse o universo amargo da crise, a mulher se vê diante do mundo ainda vitimada pela consequência do embrutecimento da sociedade. Vítima de toda sorte de violências, da infância à velhice, as mulheres não contam hoje com instrumentos que garantam a sua proteção ou ao menos sua reintegração social, após as violências sociais ou de outros tipos.

Estas questões, de grande importância e complexidade na sua origem, transformaram a mulher, não numa vítima passiva nos dias de hoje, mas numa lutadora, a fim de buscar a sua emancipação e abrir então as

portas para total igualdade com o homem.

Mas as mulheres sabem hoje também, que poucas serão suas conquistas num regime anti-democrata. E por entenderem que em regimes como o nosso, a situação piora a cada dia que passa, como cidadã e mulher, decidiram empunhar a bandeira pelas eleições diretas. É preciso acabar de vez com o regime militar, responsável maior pela crise, para que os problemas específicos da mulher, possam ser tratados com o respeito e a importância que merecem.

Hoje, ao lembrar as operárias mortas em 1857, em Nova Iorque, homenageio as mulheres de todo o mundo, que contribuem para a libertação da humanidade do jogo imperialista e colonialista.

Lembro as Palestinas de fuzil na mão, as Nicaragüenses, as Salvadorenhas.

Lembro os bóias-frias, as viúvas da seca Nordestina.

Lembro as posseiras do Pará e de todos os cantos do País onde entoa o grito da reforma agrária.

Lembro as que tombaram pelo Brasil, desde Anita Garibaldi até Helenira.

Lembro a todas aquelas que transformam milagrosamente os tostões na comida do mês inteiro.

A emancipação da mulher, como diz clara Zetkin, não é obra de caridade. Faz parte da luta do povo por um mundo melhor, pois, não haverá emancipação da mulher sem a emancipação da sociedade, mas não haverá emancipação da sociedade sem a participação da mulher.

Senhores e Senhoras:

A luta da mulher não permite que trilhemos separadamente nossos caminhos. Neste momento, em que outras correntes políticas estão aqui presentes, dirijo-me a elas especialmente.

Conclamo à unidade do Movimento das Mulheres.

Conclamo em nome do respeito à luta da sociedade brasileira, todo o empenho para que as barreiras sejam derrubadas.

Neste momento, só estará fora deste exército que luta pela emancipação da sociedade e pela emancipação da mulher, aqueles ou aquelas que escolheram a manutenção da sociedade como se encontra hoje; que escolheram o outro lado do "FRONT", contra o avanço e o progresso social.

Neste momento em que o País atravessa a maior crise da sua história, quando a luta democrática une a sociedade e segrega apenas os que pretendem usufruir do sofrimento coletivo, nos unamos, mulheres, pelas diretas já! Por nossos direitos, sempre!"

Muito obrigada, Senhor Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Trajano Bastos) - Esta

Presidência quer, antes de dar por finda a presente Sessão Solene, agradecer as ilustres autoridades, Senhoras e Senhores presentes, principalmente às mulheres, e à mulher paranaense que honraram com suas presenças, com suas participações deste evento, o Poder Legislativo deste Estado quer também que a esposa do Governador do Paraná transmita ao povo do seu Estado as homenagens do povo paranaense, principalmente da mulher paranaense que está engajada na luta pela sua emancipação, pela sua participação maior nos des-

tinios da nacionalidade.

Agradecendo a todos, esta Presidência quer ainda registrar, que acolhe, com muita satisfação, com muito prazer, a idéia que nos traz a companheira Presidente da Federação da Mulher, para que este Poder, dentro das programações nos Fóruns de Debates promova um que diga respeito especificamente à participação da mulher na sociedade.

Agradecendo, mais uma vez, declaro encerrada esta sessão.